



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**  
*CAMPUS MACEIÓ*  
**CURSO SUPERIOR EM LICENCIATURA  
LETRAS - PORTUGUÊS**

**KATARINA KLECIANE MESSIAS DA SILVA  
TALITA OLIVEIRA SILVA**

**A CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS BANTOS PARA A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

**MACEIÓ, AL  
2025**

KATARINA KLECIANE MESSIAS DA SILVA  
TALITA OLIVEIRA SILVA

A CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS BANTOS PARA A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
na Faculdade de Letras - português do Instituto  
Federal de Alagoas como requisito básico para  
a conclusão do Curso de Letras - Português.

Orientadora: Prof. Dr. willianice Soares Maia

MACEIÓ, AL  
2025



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
*Campus Maceió*  
*Biblioteca Benevides Monte*

---

417

S586c

Silva, Katarina Kleciane Messias da..

A contribuição dos povos bantos para a formação do português brasileiro {recurso eletrônico} / Katarina Kleciane Messias da Silva, Talita Oliveira Silva. - Dados eletrônicos (1 arquivo : 543 KB). - 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Profª. Drª. Willianice Soares Maia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Português) – Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió, Maceió, 2025.

1. Português brasileiro. 2. Línguas africanas.. 3. Povos bantu. 4. Preconceito linguístico. 5. Decolonialidade. I. Silva, Talita Oliveira. II. Título.

---

Bibliotecária Nalva Maria Amaral / CRB-4/989

KATARINA KLECIANE DA SILVA

TALITA OLIVEIRA SILVA


A CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS BANTOS PARA A  
FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Trabalho de conclusão apresentado ao  
Curso Licenciatura em Letras-Português  
do Instituto Federal de Alagoas, campus  
Maceió, como Trabalho de Conclusão do  
Curso (TCC).

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Willianice  
Soares Maia

Aprovado em 06 de outubro de  
2025.


**Orientador (a):**

Documento assinado digitalmente  
 WILLIANICE SOARES MAIA  
Data: 31/10/2025 16:13:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---


Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Willianice Soares Maia.  
Instituto Federal de Alagoas

**Banca examinadora:**

Documento assinado digitalmente  
 CLAUDIONOR FERREIRA ARAUJO  
Data: 31/10/2025 16:06:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dr. Claudionor Ferreira Araújo  
Instituto Federal do IFPA

Documento assinado digitalmente  
 FABIO GERALDO DE AVILA  
Data: 31/10/2025 16:11:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Fábio Geraldo Ávila  
Instituto Federal do IFSULDEMINAS

## RESUMO

A escolha do português como língua oficial no Brasil funcionou como estratégia colonial de dominação, apagando ou marginalizando as línguas indígenas e africanas. Entretanto, o contato entre diferentes povos resultou na constituição de um português brasileiro com características próprias, distintas da variedade europeia. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as influências das línguas bantu na formação do português do Brasil, analisando vocábulos e expressões que se incorporaram ao uso cotidiano e discutindo a invisibilização histórica dessas contribuições. A pesquisa adota metodologia de caráter bibliográfico, fundamentada em autores como Assis (2001), Mendonça (2012), Bagno (1999) e Bakhtin (2006), além de levantamento de glossários que registram termos de origem bantu. Os resultados apontam que a presença de palavras como *denigo*, *quitanda*, *caçula* e *gingar* evidencia o papel central das línguas africanas na configuração do português brasileiro. Conclui-se que a desvalorização dessas influências decorre de um processo histórico de colonização e preconceito linguístico, reforçando a necessidade de uma abordagem decolonial no ensino da língua materna e na valorização da identidade linguística nacional.

**Palavras-chave:** português brasileiro; línguas africanas; povos bantu; preconceito linguístico; decolonialidade.

## ABSTRACT

The choice of Portuguese as the official language in Brazil functioned as a colonial strategy of domination, silencing or marginalizing indigenous and African languages. However, the contact among different peoples shaped Brazilian Portuguese as a distinct variety from European Portuguese. This study aims to reflect on the influences of Bantu languages in the formation of Brazilian Portuguese, analyzing vocabulary and expressions incorporated into everyday use and discussing the historical invisibility of these contributions. The research adopts a bibliographic methodology, drawing on authors such as Assis (2001), Mendonça (2012), Bagno (1999), and Bakhtin (2006), as well as glossaries that record Bantu-derived terms. The results indicate that words such as *denço*, *quitanda*, *caçula*, and *gingar* reveal the central role of African languages in shaping Brazilian Portuguese. It is concluded that the undervaluation of these influences stems from a historical process of colonization and linguistic prejudice, reinforcing the need for a decolonial approach in mother tongue teaching and in the appreciation of national linguistic identity.

**Keywords:** Brazilian Portuguese; African languages; Bantu peoples; linguistic prejudice; decoloniality.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>8</b>
<b>3. ENCONTRO DO PORTUGUÊS COM AS LÍNGUAS NATIVAS DO BRASIL.....</b>	<b>11</b>
<b>4. HISTÓRIA DOS BANTOS.....</b>	<b>12</b>
<b>5. A RELAÇÃO DE PODER EXISTENTE NA LÍNGUA E A DECOLONIALIDADE.....</b>	<b>14</b>
<b>6. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E INVISIBILIDADE DAS CONTRIBUIÇÕES DOS POVOS BANTOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....</b>	<b>16</b>
<b>7. GLOSSÁRIO.....</b>	<b>18</b>
<b>8. DIALOGISMO E POLIFONIA.....</b>	<b>20</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa brasileira, é marcada por uma rica diversidade linguística. Durante seu percurso histórico, o português do Brasil foi moldado não apenas pelas variedades europeias do português, mas também por um amplo conjunto de influências de outras línguas, como as línguas indígenas, africanas e, em menor medida, as demais línguas de imigrantes europeus e de povos asiáticos. No que se refere às línguas africanas, as do tronco bantu exercem um papel singular, trazendo contribuições que vão além do vocabulário e se apresentam também na fonologia e sintaxe.

A chegada das línguas bantu ao Brasil se deu no contexto da violenta escravização de milhões de africanos durante os períodos colonial e imperial. Originárias de regiões como Angola, Moçambique e Congo, essas línguas desembarcaram nas terras brasileiras junto com seus falantes, os quais enfrentaram muitos desafios, como a separação de suas comunidades de origem, a imposição do português como língua dominante e a luta por preservar aspectos de suas identidades culturais em um ambiente de opressão. Apesar disso, os povos bantu conseguiram deixar suas marcas na formação do português brasileiro, contribuindo com vocábulos, construções gramaticais específicas e modos de expressão cultural muito presentes na sociedade contemporânea.

Dada a importância dessa comunidade na construção do português brasileiro o tema do presente trabalho é “ A contribuição dos povos bantu para a formação da língua portuguesa brasileira” esse tema surgiu da necessidade de se pesquisar quais são as palavras que usadas cotidianamente no Brasil de origem africana mais especificamente as palavras das línguas do tronco bantu.

A pesquisa é estruturada em sete tópicos, no primeiro capítulo será apresentada a história da língua portuguesa desde seu surgimento na península ibérica até a chegada ao Brasil pelos navegantes portugueses. Neste capítulo, os estudos de Assis (2001) serviram de base para o desenvolvimento da escrita. O segundo capítulo traz um breve panorama do encontro do português com as línguas nativas do Brasil, para abordar essa temática os autores: Lucchesi (2009), Oliveira (2004), Maher (2006), Rodrigues (1985) e Fernandes (1976) foram fundamentais para abordar a questão da interação linguística dos imigrantes portugueses com os povos nativos do Brasil. No terceiro capítulo, foi abordado a história dos povos bantu, neste tópico as pesquisas da unesco (2010) e (2017) a respeito dos povos bantu, assim como a obra “Através das águas” (2023) e o livro de Mendonça (2012) foram essenciais para fazer o percurso histórico dos povos bantu até a chegada ao Brasil. O quarto capítulo, trata das relações de poder existente na língua e a colonialidade, aqui Foucault (1979), Foucault (1971) e Saussure (2012 [1916]) foram fundamentais para discutir o motivo pelo qual as heranças linguísticas africanas são historicamente discriminadas na cultura brasileira. No quinto capítulo, intitulado: O preconceito linguístico e a invisibilidade das contribuições dos povos bantos no português brasileiro, as obras de Bagno (1995), (1997) e (1999) e Mendonça (2012) foram fundamentais para discorrer sobre a imposição da norma padrão europeia e a discriminação das demais variedades linguísticas presentes na língua

brasileira, principalmente as línguas de origem africanas. No sexto capítulo, é apresentado um glossário com palavras de origem banta falada diariamente pelos brasileiros. Para finalizar, no sétimo capítulo os estudos de Bakhtin sobre dialogismo e polifonia foram fundamentais para a compreensão de que a linguagem cotidiana é um organismo vivo que ocorre por meio da interação entre os sujeitos e é permeada por várias vozes.

A língua portuguesa no Brasil é marcada por uma rica diversidade linguística, resultado do contato entre povos de diferentes origens que habitaram o território ao longo da história. Embora tenha sido imposta como língua oficial no período colonial, em um processo de dominação que visava silenciar as línguas indígenas e africanas, o português brasileiro adquiriu características próprias, distintas da variedade europeia. Entre essas influências, destacam-se as línguas do tronco bantu, trazidas por milhões de africanos escravizados provenientes de regiões como Angola, Moçambique e Congo.

Apesar das adversidades enfrentadas, esses povos conseguiram preservar elementos de suas culturas e línguas, deixando marcas significativas no português brasileiro. A escolha do tema **“A contribuição dos povos bantu para a formação da língua portuguesa brasileira”** surge da necessidade de refletir sobre a relevância das línguas africanas na constituição do português do Brasil e de evidenciar como seus vocábulos e expressões, incorporados ao cotidiano, permanecem invisibilizados nos estudos tradicionais sobre a história da língua. A pergunta que norteia a pesquisa é: *“Se os povos bantos trouxeram elementos que marcam a cultura e a ancestralidade brasileira, quais são as influências linguísticas no português brasileiro?”*.

Nesse sentido, o objetivo geral é **promover uma reflexão sobre a diversidade da língua bantu presente no português brasileiro**, analisando palavras e/ou expressões de origem africana que ainda circulam socialmente. Como objetivos específicos, busca-se **traçar um percurso histórico da chegada dessas línguas ao Brasil**, identificar **quais variedades bantu influenciaram a formação do português** e **problematizar a ausência de prestígio dessas contribuições no ensino de língua materna**.

A metodologia adotada possui caráter **exploratório e bibliográfico**, fundamentando-se em livros, artigos e periódicos especializados que abordam a história da língua portuguesa e as influências africanas no português do Brasil. Obras como *História da Língua Portuguesa*, de Maria Cristina de Assis, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça, foram essenciais para compreender o processo histórico e linguístico da constituição do português brasileiro. Além disso, o levantamento bibliográfico em plataformas como SciELO e Google Acadêmico possibilitou ampliar o corpus de análise. Assim, esta pesquisa se insere em uma perspectiva de revisão de literatura, voltada à valorização e à preservação do legado linguístico dos povos bantu na formação da identidade linguística nacional.

## 2 HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Analisar historicamente a formação da língua portuguesa antes da chegada à América do Sul é fundamental para poder compreender as particularidades que esse idioma apresenta no Brasil. Assim como no Brasil, a língua portuguesa europeia é formada a partir da contribuição de diversos idiomas e fatores sociais, políticos e econômicos determinam a sua abrangência territorial.

Há muitas vertentes que tentam justificar a singularidade que a língua portuguesa se apresenta no Brasil, dentre elas, atribuem a singularidade do português brasileiro ao fato da localidade de onde vieram os primeiros portugueses do Sul de Portugal.

Ademais há teóricos que acreditam que o convívio de diferentes etnias habitando o mesmo território moldou o português praticado no Brasil. Além disso, há os defensores que acreditam que o que aconteceu com a língua portuguesa brasileira foi um processo natural que já estava predeterminado a acontecer ou que esse fato ocorre por diversos motivos. A esse respeito, Castilho (1992) divide em três diferentes hipóteses, a evolucionista, a crioulista e a internalista:

[...] a hipótese evolucionista, que defende a existência de uma “língua brasileira”, a hipótese crioulista, que acentua a importância dos contactos linguísticos no Brasil-Colônia, e a hipótese internalista, que acentua a importância da deriva, isto é, das tendências próprias ao sistema, para explicar a dimensão histórica do PB (português brasileiro). (CASTILHO, 1992, p.241).

Desta forma o presente trabalho se apoiará na hipótese crioulista uma vez que exploraremos algumas palavras de origem bantu presente na língua portuguesa brasileira, devido ao resultado das interações linguísticas dos povos africanos com os povos que habitavam o Brasil.

O latim foi a língua que deu origem às línguas neolatinas, grupo de idiomas do qual a língua portuguesa faz parte. De acordo com Vilas Boas e Hunhoff (2014, p. 109) a língua latina obteve grande expansão de falantes por ser o idioma oficial de Roma, considerado uma língua culta sendo espalhado pelo território Ibero pelos romanos.

Assis (2001 p. 5), relata que antes da invasão ibérica pelos romanos, no qual o objetivo era conter a expansão cartagineses, coexistiam povos de cultura e línguas diversificadas: iberos, celtas, fenícios, gregos e cartagineses. Entretanto, com a tomada do território pelos romanos, resultado da guerra púnica restou poucas influências dos demais

idiomas da região. Assim o latim em contato com as línguas primitivas foi se espalhando de forma gradual pelo território e se modificando tanto na pronúncia quanto na escrita.

Dessa forma, a presença da língua latina imposta pelos romanos na península ocasionou a quase extinção das línguas do território antes da invasão romana, todavia, é possível observar a presença de vocábulos celtas e iberos presente na língua portuguesa, a esse respeito, Assis (2001, p. 5) relata que:

Os vestígios da língua ibérica no vocabulário português são poucos: bezerro, esquerdo, sarna, cama, arroio, baía, além dos sufixos -arra, -erro, -orro, -urro. A influência céltica é maior na fonética do que no vocabulário: brio, bico, casa, légua, raio, touca e os topônimos Bragança, Coimbra (Conimbriga). Assis (2001, p. 5)

Com as invasões dos bárbaros e árabes na península ibérica o que ocasionou a queda do império romano, o latim permaneceu sendo a língua oficial nos territórios conquistados pelos visigodos, os quais assimilaram a religião romana e como língua usavam o latim vulgar. Influências das línguas dos bárbaros: guerra (wuerra), elmo (helms), espora (spaura), loja (laubja), trégua (triggwa), fresco (frisk), branco (blank) etc..

No entanto, nos territórios tomados pelos árabes, os mesmos fizeram se sobrepor seus costumes, religião e língua aos demais idiomas. sobre isso, Assis (2001, p. 6), relata que até o reinado de Rodrigo, último rei godo, este lutou contra a invasão árabe, pela religião (cristianismo) e pela língua romana (latim vulgar). Entretanto, desde o século VIII d. C., nas regiões tomadas pelos povos árabes tem-se o idioma árabe como língua oficial. Algumas palavras da língua portuguesa de influência árabe são: arroz, aldeia, alcova, almofada, azeite, alfândega, refém, entre outras.

Nesse círculo de conquistas e reconquistas no território ibérico, o latim foi sendo influenciado pelos idiomas que teve contato no decorrer dos séculos, partindo de uma língua rústica para uma língua culta, e assim como as demais línguas que têm contato com outros idiomas surgem também suas variantes, no caso do latim as principais variantes são o latim clássico utilizado pela elite e o latim vulgar, uma língua mais prática, utilizado pela camada mais pobre da população que posteriormente torna-se base para outros idiomas, as línguas românicas, incluindo o português.

Segundo Assis (2001, p. 15) ao se separar de galiza, a região onde hoje se denomina Portugal fixou-se o romance galego-português como língua falada e escrita, todavia com a interação dos povos de variantes do sul moçárabes e norte de português começa a ocorrer a

diferenciação do português com galego-português, desta maneira o galego-português e português passam a ser idioma oficial de Portugal.

O português antigo começa a se tornar idioma oficial escrito de Portugal com o início do reinado do D. Dinis, há relatos de ser uma língua mais espontânea e diversificada que as línguas já estabelecidas na região. A partir desse período, a língua portuguesa passa por várias transições: do português médio para o clássico e do português clássico para o moderno.

Com o início da dinastia D. João I, o Mestre Avis, Portugal passa por mudanças significativas no âmbito social e cultural. O novo reinado estimula o incentivo à educação, devido a criação de escolas, biblioteca, e deslocamento de universidades importantes para Lisboa/Coimbra. Assim, Lisboa torna-se centro de desenvolvimento e a língua portuguesa passa a ser exemplo de norma a ser seguida nos documentos oficiais e na literatura.

Outro fator decisivo que marcou a passagem do português médio para o clássico foi as expedições marítimas, resultando na colonização de diversos territórios ao redor do mundo, o que fez com que a língua portuguesa influenciasse e fosse influenciada por vários idiomas. A esse respeito, Assis (2001, p.21) relata que a introdução no português europeu dos vocábulos de origem chinesa e malaia respectivamente chá e jangada são exemplos de influências de outros idiomas levados pelos navegantes a Portugal.

Conforme a produção da escrita aumentava, surgia a necessidade de padronização da língua portuguesa, nesse contexto, surgem as primeiras gramáticas: a Grammatica da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros, Gramática da Língua Portuguesa (1540). Segundo Assis (2001, p. 25), essas gramáticas registram a formação de palavras e frases, auxiliando no estudo das transformações linguísticas. Ademais, a necessidade de normatização da língua portuguesa era uma preocupação constante para Portugal, tendo em vista que sua disseminação era uma forma de propagação da colônia.

A importação da língua portuguesa, fez com que o contingente de falantes do idioma aumentasse significativamente. De acordo com Assis (2001, p. 28), estima-se que há mais de 260 milhões falantes de língua portuguesa espalhados pelo mundo, dos quais 200 milhões são falantes brasileiros, o que contribuiu para ser a oitava língua mais falada do mundo.

É notório que quando a língua portuguesa chega ao território brasileiro ela já está bastante influenciada por diversos idiomas, e no Brasil, as línguas africanas trazidas pelos africanos escravizados desempenharam um papel importante o que contribuiu para a diversidade linguística presente no país. De acordo com Assis (2001, p. 86), As línguas africanas que mais influenciaram o português brasileiro foram as variantes do norte de origem

sudanesa (nagô ou iorubá) com predomínio na Bahia e variantes do sul de origem Banta (quimbundo) com predomínio em Minas Gerais e Rio de Janeiro.

### **3 ENCONTRO DO PORTUGUÊS COM AS LÍNGUAS NATIVAS DO BRASIL**

De acordo com Lucchesi (2009) a interação dos portugueses com as diferentes populações indígenas nativas do território brasileiro e posteriormente com a chegada de aproximadamente quatro milhões de africanos escravizados no Brasil foram um dos principais fatores que contextualizam a forma singular que a língua portuguesa assume no Brasil.

Conforme Oliveira (2004, p. 27), no Brasil, a eliminação das línguas nativas e estrangeiras que não fosse o português se tornou por muitos séculos uma política linguística do Estado, que tinha por objetivo a unificação da língua portuguesa nos territórios brasileiro. Nesse processo, as línguas indígenas e africanas foram as mais afetadas devido ao contingente de falantes no país.

De acordo com Maher (2006) Quando os portugueses chegaram no Brasil em 1500 “estima-se” que havia cerca de 2 a 4 milhões de habitantes indígenas que falavam cerca de 1300 a 1500 idiomas. Devido ao duradouro e violento processo de colonização, de massacres, batalhas e tentativas de apagamento cultural desses povos, essa população foi reduzida para cerca de 370.000 mil indígenas, o que fez com que muitas línguas nativas fossem extintas sendo reduzidas a 180 dialetos indígenas, Maher (2006, p. 12).

As línguas do tronco tupi-guarani era usada pelos povos originários para se comunicar entre diferentes grupos sociais que habitavam a região, e permaneceu sendo a língua mais falada do território até meados do século XVIII, período em que, Marquês de Pombal impôs um decreto em que proibia o uso de línguas indígenas e africanas no território brasileiro. Assim, o português se consolidou e se tornou a língua oficial da colônia.

É importante ressaltar que o uso da língua portuguesa como idioma oficial do Brasil aconteceu gradualmente e iniciou-se com a vinda dos jesuítas ao território brasileiro devido a preocupação dos portugueses em transmitir o idioma para os indígenas como afirma Casagrande (2005). Ademais, para ensinar a língua portuguesa para os indígenas foi necessário que os jesuítas aprendessem a língua geral que era o tupi, o que de acordo com Matos e Silva (2005) foi fundamental para a catequização dos indígenas. Rodriguez (1983, p.23) dentre as diversas etnias indígenas, os tupis/tupinambás foram os povos que tiveram mais contato com os brancos. De acordo com o autor eles se comunicavam com os não tupis

com uma segunda língua, chamada pelos os jesuítas de um língua travada. Nesse contexto de aprendizagem da língua indígena pelos os jesuítas e ensino do português para os colonizados foi publicada pelo Pe. José de Anchieta em 1595 a obra *A arte da Gramática da Lingoagem mais falada na costa do Brasil*.

A respeito da imposição, Rodrigues (1985) salienta que a imposição da cultura branca sobre as demais resultou em um duradouro processo de destruição de povos em um ambiente hostil que se assemelhava a um ambiente de combate. Ademais, cabe ressaltar que os indígenas não ficaram inertes, passivamente frente a invasão dos europeus às suas terras e a destruição de suas etnias. Quanto a isso, Fernandes (1976) salienta que os indígenas foram inimigos dos europeus, lutaram veementemente por seu povo, sua cultura e territórios, entretanto, vencidos viram a “destruição de seu mundo.”

Essa tentativa de apagamento da cultura indígena na história do Brasil resultou em muitos danos à população originária, dentre eles o assimilacionismo que é a imposição aos povos originários da cultura hegemônica o que causa o enfraquecimento da cultura e identidade. Entretanto, os costumes dos povos indígenas resistem e se fazem presentes nas interações cotidianas brasileiras, principalmente na língua brasileira.

#### **4 HISTÓRIA DOS BANTOS**

Desde o século XVI, a África Centro-Occidental, em especial na região entre Camarões e Nigéria, também no litoral Somália-queniano, no Leste até o Sul do continente, são faladas línguas que possuem características semelhantes, principalmente a presença do “ntu”, sílaba usada para representar “muitos”. Os povos Bantus são grupos étnico-linguísticos, cuja línguas e dialetos pertencem a uma família linguística conhecida por “bantu”. Na tradição africana, essa palavra significa “pessoas”, estima-se cerca de 450 línguas e dialetos oriundos de uma mesma língua ancestral conhecida por “protobanta”. (Unesco, 2010, 171).

“A origem desses povos passa por diversos debates, sendo pouco conhecida por não haver registros suficientes. Por esse motivo se é adotado a visão ocidentalizada sobre o seu crescimento no continente africano. A chamada expansão banta ocorre por diversos fatores sociais. O contato entre diferentes grupos, que partilham conhecimentos e práticas, geralmente leva à reorganização social e política, com a criação e/ou desaparecimento de grupos, alguns se sobrepondo a outros, com base em embates guerreiros ou por meio de relações pacíficas. No que diz respeito aos bantos, um problema historiográfico bastante explorado é o que foi chamado de “expansão banto”. (Através das águas, 2023 p. 30).

Os estudos sobre essa família linguística tiveram início no século XIX, com o historiador Wilhem Bleek batizando-os de “bantu”. Em meados de 1919 e 1922, H. H. Johnston elaborou estudos que “constitui a primeira tentativa séria de descobrir as origens dos bantos e de

reconstituir o processo da sua dispersão.” Partindo de fatores linguísticos, "situou Bahr al -Ghazāl” como origem dos ancestrais dos bantos, tendo seu primeiro deslocamento para o Leste africano chegando ao monte Elgon, saindo desse local em direção à Tanzânia continental e floresta do Zaire (atual República democrática do Congo). Unesco (2010, p. 171).

A fim de explicar a origem desses povos, duas hipóteses foram levantadas: a primeira, defendida por Joseph Greenberg, afirma que “ os povos bantos seriam originários da zona onde as línguas bantas são mais divergentes”, no qual sua origem seria “Nigéria, na região do médio Bénoué, no Nordeste do vasto território onde as línguas estão solidamente implantadas.”, a segunda, defendida pelo bantoísta (assim são chamados os linguístas que estudam as línguas bantas) Malcolm Guthrie, afirma que “as origens dos “protobantos” deveriam situar-se na região onde as línguas bantas são mais convergentes, ou seja, em torno das bacias dos rios Congo -Zambéze, devendo-se encontrar o núcleo na província do Shaba, no Zaire.” Unesco (2010, pg. 171). Baseado nessas duas ideias, o historiador Roland Oliver dividiu a expansão em quatro fases, partindo de sua origem na África Ocidental até a África do Sul.

[...] uma rapidíssima migração ao longo dos cursos d’água do Congo (Zaire), de pequenos grupos de populações falantes de línguas “pré-bantas”, das regiões arborizadas do centro de Camarões e Oubangui, até regiões de mesmas características, no Sul da floresta equatorial do Zaire; um progressivo reforço da implementação destas populações imigradas e a sua expansão através da região arborizada estendida de um litoral a outro e abraçando o centro da África, desde a foz do Congo (Zaire) até o Zaire, na costa ocidental até o rio Rovuma, na Tanzânia, na costa oriental; a rápida penetração dos bantos na região mais úmida situada no Norte e no Sul da sua precedente zona de expansão lateral; e a ocupação do restante da atual África banta, processo que começou no curso do primeiro milênio antes da era cristã e que não acabaria senão aproximadamente em meados do segundo milênio da era cristã. (Unesco, 2010, p.172).

Ao estudar sobre a origem dos povos bantos, é comum realizar uma busca de registros sobre uma sociedade banta, porém tal abordagem não se aplica a essa família linguística. Não há um território físico que concentre informações arqueológicas sobre a família protobanta, sendo a linguística sua maior fonte de registro. Por isso, não se pode cair no “mito bantu”, onde existia um povo forte e altamente superior, que se expandiu por quase toda a África. A sua expansão ocorreu de modo mais sutil e constante, não por meio de um êxodo linear e maciço, mas por meio de constantes interações com outros grupos étnicos que fez com que o protobanto fosse misturado e levado por diferentes territórios africanos.

Outra suposição sobre a “expansão banta” é que assim como ocorreu com o Latim, seria possível uma (...) “mudança de língua. Uma população aprende uma língua estrangeira, torna-se perfeitamente bilíngue e, em seguida, abandona o seu próprio idioma para somente falar a língua estrangeira.”, há vários casos, como o francês que chegou até a Bélgica. Na África, por exemplo, aconteceu com os “habitantes do Cabo ocidental e da Namíbia do Sul que perderam os seus idiomas khoi e san, para não mais falarem senão o afrikaans.” Unesco (2010, p.177).

A expansão banta ocorreu também por inúmeras migrações para o Sul e o Leste africano. Os povos falantes do protobanto possuíam grande experiência no ramo da agricultura, caça, pesca e metalurgia também. Existem duas teorias que explicam as razões para sua expansão, a primeira afirma que uma das motivações para as migrações foram causadas por problemas demográficos e falta de recursos para aquele povo que crescia. Em busca de melhorias, alguns grupos pequenos saíam de sua região de origem por entre as florestas para vilarejos próximos, sem o propósito de ser definitivo.

Ao longo dos anos, os números de grupos migrantes foram aumentando até atingirem os vastos territórios da África Subequatorial. Unesco (2010, p.182). A segunda tese se fundamenta na teoria da conquista que estabelece uma relação entre a idade o ferro e a expansão banta. Os povos bantos foram os principais grupos na África a manipular com destreza esse metal, comumente usados na produção agrícola, o que ajudou a dominar outros povos.

Os povos bantos são grupos linguísticos que marcaram fortemente a África nos primeiros séculos, o protobanto foi difundido e dialogado com outros grupos. Sociolinguisticamente falando, sua expansão ocorre por diversos movimentos de interações sociais e migratórios. Não se trata de um povo único com registros arqueológicos bem definidos, mas sim de comunidades linguísticas difundida em todo o território africano. Dentre esses grupos, surgiram reinos poderosos, como é o caso do reino do Congo. O contato dos povos bantos com o Brasil ocorre no período colonial, quando diversos grupos eram escravos de guerras, vendidos pelos próprios africanos e comercializados aos portugueses. Desde suas origens até o presente, esses povos marcaram por sua cultura marcante e por suas línguas.

Durante todo o processo de escravização, desembarcaram no Brasil, povos escravizados das mais diferentes regiões do continente africano, em cada região do País um grupo étnico negro que se estabeleceu em maior quantidade e que influenciou as singularidades culturais e linguísticas da região, a esse respeito, segundo Mendonça (2012, 61, 62) “Pernambuco e Bahia, nos dois primeiros séculos da história colonial, são os grandes centros de condensação africana. (...) Na população negra prevaleceram os Nagôs na Bahia, talvez os Congos em Pernambuco e os Angolas no Sul, no Rio e em São Paulo.”

A maioria dos vocábulos africanos herdados pela língua portuguesa foram transmitidos oralmente, assim muitas dessas palavras ou expressões apresentam caráter informal, o que contribuiu para a pronúncia das palavras do português brasileiro. A exemplo do uso das vogais abertas e a supressão das palavras terminadas em R e S.

## **5 A RELAÇÃO DE PODER EXISTENTE NA LÍNGUA E A DECOLONIALIDADE**

As relações de poder são um fator recorrente no modo como os indivíduos interagem dentro da sociedade. Na obra *A Microfísica do Poder* de Michel Foucault (1979), a relação de poderes não é apresentada apenas de forma hierárquica, mas sim difusa e bilateral. Estando

presente em todas as esferas da sociedade e podendo ser vista nas ações mais comuns do cotidiano, como algo necessário para o andamento da engrenagem social. Além disso, também é manifesto em diversos níveis, podendo influenciar comportamentos, pensares e até na língua. A linguagem é um exemplo direto de como esse fenômeno é evidenciado.

Segundo o conceito Saussuriano em relação à língua, é visto que se trata de um contrato social, mas é diferente de outras instituições, não se limita ao controle individual e arbitrário, mas se apresenta como um contrato confirmado pelo tempo. Saussure (2012 [1916], p. 111). Isso significa dizer que, os comportamentos linguísticos, os vocabulários e suas manifestações nascem com o tempo e com os acontecimentos históricos e sociais, assim surgindo a língua padrão e as línguas marginalizadas. No tocante às normas da língua, o modo de expressá-la e os significados das palavras, são observáveis a hierarquia e formas dominadoras. Nesse sentido, os que detêm a direção do poder, detêm as formas de controle sobre a comunicação, o estabelecimento do “certo” e “errado”, além de controlar as formas identitárias que advém dela. A língua manifesta saberes, as construções sociais classificam os saberes em dominantes e dominados, estes últimos são vistos como inadequados por se distanciarem da cientificidade moderna.

[...] por saber dominado deve se entender outra coisa, em certo sentido, uma coisa inteiramente diferente: uma série de saberes tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido do conhecimento ou cientificidade. Foucault (1971, p. 266).

Ao refletir sobre o processo de construção do português no Brasil, nota-se a vasta lista de influências vinda de outros povos. Sabe-se que o Brasil foi por muitos séculos, uma colônia produtiva, tendo suas riquezas naturais exportadas e seus povos originários quase destruídos. Tendo em vista o objetivo de tornar esse grande país em uma extensão europeia, foram tomadas medidas ao longo da história de sua formação, para apagar vestígios de influência de outros povos, principalmente indígenas e negros. Recebe o título de colonialidade do poder: o eurocentrismo.

Ao chegarem no continente americano, os ibéricos se depararam com povos de cultura, aparência, costumes e línguas distintas, o que saía fora de suas perspectivas intelectuais. (Anibal, 2005). Com o objetivo de subjugar suas forças físicas e cognitivas, foram classificados com outra identidade.

[...] todos eles reduziam-se a uma única identidade: índios. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim também sucedeu com os povos trazidos forçadamente da futura África como escravos: achantes, iorubás, zulus, congos, bacongos, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de negros. (Anibal, 2005, pg .127).

Como povos navegadores, detentores de um sistema econômico hegemônico, acostumados com o ato de conquistar terras, seriam eles os responsáveis por denominar os grupos dominados. Assim foi feito, no Brasil colonial, os indígenas já não eram vistos como mão de obra eficaz, restando os conhecidos africanos. Para que os portugueses

permanecessem no controle, foram tomadas medidas de troca de nomes, separação familiar e imposição do catolicismo e português, língua esta falada pelos “brancos”. Mudando a religião e o código de comunicação, era comunicado que todas as culturas dos escravizados eram impróprias, sujas e suas línguas incompletas, bestiais. O fator persuasão identitário foi imprescindível para silenciar povos e prolongar sua servidão violenta por gerações.

É preciso salientar que a língua não é neutra, está carregada de ideologias. Isso é averiguado no que pode ser dito ou não, nas linhas discursivas, onde é analisado a superioridade de certos discursos em detrimento a outros. A língua apresenta -se como meio que regulariza e impõe “verdades absolutas”, culturas que devem ser aceitas. Isso aprofunda as camadas discriminatórias, reforçando desigualdades. No contexto brasileiro, isso pode ser observado na valorização que ainda se dá ao colonizador, suas manifestações culturais e linguística, quanto à colonizada sobra o desprezo e rejeição por sua cultura e língua pobre e quase profana.

Como visto anteriormente, a língua é um meio eficiente onde as relações de poder se manifesta de modo abundante. Faz parte do convívio social, assim sendo, estabelece entre os indivíduos de uma sociedade uma relação não só comunicativa, mas também, evidencia traços de imposição e poder estabelecidos. Tudo que nos cerca é ideológico, as instituições humanas passam pela fina camada da ideologia. A vinda de diversos escravizados ao Brasil e a subversão de suas identidades é quase completada com os escravizadores suplantando seus nomes, religião e língua.

Nessa relação de superioridade e opressão é possível compreender o que Michel Foucault destaca como genealogia do poder, segundo ele “o poder é essencialmente repressivo. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe” (Foucault,1978). Desse modo é possível perceber que o ato de mudar a língua dos povos bantos foi objetivado com a intenção de reprimir e desvencilhar as chances de revolta, além de fortificar a imagem do europeu como o espelho da humanidade. Na atualidade, ainda o “português europeu” é visto pelo mundo e brasileiros como o superior e puro, suas regras como incontestáveis, assim negando as riquezas e mistura que são consequência de processos históricos e naturais da linguística.

## **6 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E INVISIBILIDADE DAS CONTRIBUIÇÕES DOS POVOS BANTOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

O preconceito linguístico trata-se da discriminação contra certas maneiras de falar, normalmente associadas a determinados grupos sociais marginalizados por sua religião, situação socioeconômica e etnia. Na obra *O preconceito linguístico (1999)*, segundo Marcos Bagno, tal fenômeno está fundamentado nos esforços de impor a norma padrão do português europeu. Entre suas formas de manifestação, está a desvalorização das influências dos povos africanos na língua portuguesa, especialmente os povos bantos.

A interpretação ocidental para os processos de segregação e desqualificação das culturas não europeias é que, o fator superioridade econômica e de meios de produção viabiliza a recondução identitária. Nesse sentido, tudo o que não é europeu deve ser desprezado pela

afirmação de falta de qualidade. Assim, o Brasil, mesmo estando na América Latina, tendo território maior, portanto, mais variações da fala, enfrenta estigmas em relação a sua língua. “É a mesma concepção torpe segundo a qual o Brasil é um país subdesenvolvido porque sua população não é uma raça “pura”, mas sim o resultado de uma mistura negativa de raças, sendo que duas delas, a negra e a indígena, são “inferiores” à do branco europeu, por isso nosso “povinho” só pode ser o que é.” (Bagno, 1995, P.21).

Cada língua apresenta características únicas e dependentes de seu contexto social. Assim sendo, o português falado no Brasil distancia-se do português falado em Portugal, tendo apenas como semelhanças a escrita formal. Afirmar que no Brasil se fala português é apenas uma alusão histórica ao fato de que o país foi uma colônia. Linguisticamente falando, o Brasil tem uma gramática própria que se diferencia da portuguesa, esse é o motivo de muitos linguistas optarem pelo termo *português brasileiro*. De fato, o primeiro passo para reconhecer a riqueza e variedade dessa língua falada no país, evitar o preconceito linguístico interno é reconhecer sua identidade individual, sua evolução e interação, não valorizar unicamente a língua dos colonizadores, mas reconhecer as línguas daqueles que construíram o Brasil, os africanos. Isso ocorre pelo costume de pensar e utilizar a terminologia “português brasileiro”, pois de fato, o nosso português é feito de vários “portugueses” que carregam a identidade plural de um Brasil plural.

Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática — isto é, tem regras de funcionamento — que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por os linguistas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa diferença. (Bagno, 1999, P.23 e 24).

A língua padrão é imposta como a única forma correta e legítima de expressão, reforçando desigualdades raciais e sociais. Pessoas que falam variedades do português com traços das línguas bantas, são vistos como incultos. A relação da língua dos colonos com os escravizados africanos, teve como resultado, a incorporação de várias palavras de origem banta como “quitute”, “quitanda”, “dengo” e “caçula”.

É possível observar em outras partes da gramática: reduções dos ditongos **ei** e **oi** em (**cheiro** que se torna “**chêro**”), (**peixe** que se torna “**pêxe**”) e outros vocábulos na língua popular. Na morfologia encontra-se um dos traços mais marcantes, o plural do artigo que deixa o substantivo invariável: “as casa”, “os caminho”, “aquelas hora”. Esses são alguns dos exemplos das influências dos povos bantos no português brasileiro e a distância da gramática das línguas indo-europeias. (Mendonça, 2012, p. 84 e 85).

É válido ressaltar que os povos bantos, durante o período colonial, influenciaram profundamente o português falado no Brasil. Suas contribuições, no entanto, foram apagadas e marginalizadas historicamente. Segundo Bagno, “a língua portuguesa no Brasil é muito diferente da de Portugal” e a única semelhança que existe entre ambas é a ortografia, isso se dá pelas influências dos povos africanos. Bagno (1999, p.25). Isso mostra que um padrão no português brasileiro é inviável, pois linguisticamente a língua está em constante mudança,

suas regras são modificadas naturalmente, e impor a melodia, gramática e vocabulários de uma língua falada por grupos distantes socialmente é perpetuar a discriminação e o racismo.

## 7 GLOSSÁRIO

Devido a desvalorização das contribuições dos vocábulos africanos presentes na língua portuguesa, surge a necessidade urgente de produzir trabalhos acadêmicos que destaquem a importância dos povos africanos na formação do português brasileiro, daí surge o motivo que justifica o presente trabalho de pesquisa, cujo objetivo principal é a divulgação, valorização e preservação dos vocábulos de origem africana presentes no português brasileiro.

Diante desse cenário, o glossário se revela como um instrumento lexicográfico essencial para a recuperação e valorização dessa herança. Segundo Barros (2004, p. 144), glossário é "o conjunto de verbetes situados no nível da(s) norma(s), registrando unidades terminológicas de um ou vários domínios especializados". Tal definição é particularmente adequada para trabalhos que buscam evidenciar recortes lexicais específicos, como é o caso deste, que tem como foco os termos oriundos de línguas africanas presentes no português brasileiro.

Ademais, Godoi (2007), Pereira Silva (2015) e Abati (2018), também apontam diferentes concepções sobre o que constitui um glossário, ressaltando sua utilidade tanto como suporte à compreensão textual quanto como mecanismo de registro e disseminação de vocabulários técnicos, regionais ou de idiomas pouco difundidos.

A produção de glossários com esse recorte, portanto, não apenas contribui para a organização sistemática do léxico, como também atua de forma ativa na construção de uma memória linguística que resiste ao apagamento histórico.

**Angu:** segundo Nei Lopes (2012) o termo vem do quimbundo hungu que significa mistura de farinha de milho.

**Bamba:** Segundo mendonça (2012) o termo vem do quimbundo e significa dança dos negros ao som dos estribilhos.

**Bantu:** termo aplicado às línguas africanas dos grupos central e sul que significa pessoas, essa palavra deriva do termo protobanto ntu que significa “ ser humano” ou “homem”. Termo aplicado às línguas africanas dos grupos central e sul que significa pessoas, essa palavra deriva do termo protobanto ntu que significa “ ser humano” ou “homem”.

**Bazuca:** de acordo com Nei Lopes (2012) o termo vem do quicongo basuka que significa explodir ou ser incendiado.

**Cachaça:** Nei Lopes (2012) indica que possivelmente esse termo vem da palavra kachasu da língua nhungue que significa aguardente ou machacha e no quimbundo significa bebida produzida de forma caseira.

**Cacunda:** Lopes (1993-1995, p. 60) afirma ser de origem da língua quimbundo kakunda, que significa “corcova, giba”.

**Cafoto:** tem origem na língua quimbundo Kifoto e significa cego ou buraco, lugar pouco conhecido

- Camundongo:** Lopes (1993-1995, p. 68), relata provir do umbundo okamundongo, que significa ‘rato’.
- Catita:** de acordo com Lopes (1993-1995, p. 81) o termo vem de catito, do quimbundo kaxitu, “pequeno animal, bichinho”.
- Dengo:** de acordo com Nei Lopes a palavra vem do quicongo dengo e significa doçura, o que é macio ou sedoso.
- Engambelar:** Nei Lopes (2012) pontua que a palavra é de cunho religioso, vem do termo uyambelo da língua umbundo e significa oferta ao curandeiro.
- Fungar:** segundo Nei Lopes a palavra vem da língua quicongo kufuna, que posteriormente virou cafungar e tem como significado fazer barulho com o nariz.
- Gingar:** de acordo com o autor Nei Lopes a palavra vem do quimbundo junga e significa remexer, bambolear.
- Gogó:** Lopes (1993-1995, p. 124) pontua que o termo tem origem duvidosa; pode ter surgido do umbundo ngongoou ou do yorubá gògògò.
- Inhame:** Nei Lopes (2012) pontua que a palavra veio do quicongo ñame e significa “para comer”
- Lengalenga:** Nei Lopes afirma que o termo vem do quicongo ndenga-ndenga e significa lentidão, que não acaba nunca.
- Macumba:** de acordo com Nei Lopes (2012) o termo vem do quicongo makumba, já foi utilizado para se referir ao um instrumento musical, entretanto, passou a ser utilizado para se referir a religiões de matriz africana.
- Mocotó:** Lopes (1993-1995, p. 174) sugere que sua origem da palavra pode ser quimbundo mukoto, “pata do animal”.
- Moleque:** Lopes (1993-1995, p. 175) sugere ser de origem quimbundo muleke, que significa ‘garoto, filho’, ou do quicongo mu-léek, “criança e da mesma raiz de nléeke(pl. mileke), jovem, irmão mais novo”.
- Papricar:** Segundo Nei Lopes (2012) o termo vem do quicongo papidika e significa mimar ou tratar com muito carinho.
- Quitanda:** de acordo com Nei Lopes (2012) a palavra vem do quimbundo kitanda e significa mercado, feira.
- Ranzinza:** segundo Nei Lopes (2012) o termo vem do quicongo nzinzi e significa mosca caseira.
- Umbanda:** segundo Nei Lopes (2012) o termo está presente tanto no umbundo quanto no quimbundo e significa a “arte do curandeiro”.
- Xingar:** de acordo com Nei Lopes (2012) o termo vem do quimbundo xinga e significa insultar, ofender.
- Xoxota:** de acordo com Lopes (1993-1995, p. 264) o termo pode ser de origem banto.
- Zabumba:** Nei Lopes (2012) aponta que esse termo está presente tanto na língua quicongo e quanto na língua umbundo vem da palavra mbumba que significa bater.

## 8 DIALOGISMO E POLIFONIA

Para compreender o patamar e o prestígio que cada léxico ocupa dentro de uma comunidade de falante é fundamental analisar a história e os discursos que permeiam essas interações. De acordo com, FIORIN, (1999, 2008) o discurso é entendido por meio de duas categorias de análise que são interligadas: texto e enunciado, Enquanto o texto se apresenta como uma realidade imediata, carregada de materialidade sógnica coerente, o enunciado se apresenta como a posição assumida por um enunciador e o sentido atribuído a esse texto FIORIN (2008, p. 52). É no âmbito do enunciado que as dimensões ideológicas do discurso se manifestam, abarcando "emoções, juízos de valor, paixões" (FIORIN, 2008, p. 23).

Essa compreensão da linguagem como fenômeno social interativo é central para a teoria bakhtiniana. Nas palavras do próprio Bakhtin (2006, p. 125): "A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua"

A esse respeito, Travaglia (2009, p. 23), argumenta que: "A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma das situações de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e 'falam' e 'ouvem' desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais"

O princípio do dialogismo, presente na teoria bakhtiniana, vai além de um diálogo face a face. Conforme Bakhtin (1996, p.72) "pode-se compreender a palavra 'diálogo' num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja". Nessa perspectiva, a introdução de elementos linguísticos bantu ao português brasileiro pode ser entendida como uma forma de interação verbal entre culturas e sistemas linguísticos diferentes, mesmo que separados no tempo e no espaço.

Sobre o dialogismo, Brait (1997, p. 98) pontua que, "Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem". A influência das línguas bantu no português do Brasil representam esse diálogo entre discursos, onde as necessidades de comunicação e a expressão da realidade dos africanos escravizados influenciaram a língua dominante.

Ainda sobre o dialogismo, Bakhtin (1997,p. 354) pontua que "A relação existente entre as réplicas de tal diálogo, o diálogo real (conversa comum, discussão científica,

controvérsia política, etc.) oferece o aspecto externo mais evidente e mais simples da relação dialógica. Não obstante, a relação dialógica não coincide de modo algum com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista etc.)". Assim, mesmo que os falantes de línguas bantas e de português não estivessem em um diálogo direto no sentido convencional, seus enunciados – as palavras e os significados que foram transferidos – entraram em uma relação dialógica de confrontação e eventual integração de sentidos.

Além do conceito de dialogismo presente na obra bakhtiniana, o autor também apresentou o conceito de polifonia. Bakhtin usou o conceito de polifonia para analisar a obra de Dostoiévski, pontuou a existência de múltiplas vozes sociais ideologicamente distintas que resistem à voz autoral, ora se harmonizando, ora entrando em conflito PIRES; TAMANINI-ADAMES (2010). A polifonia é presença de diferentes vozes que atravessam o discurso, conferindo-lhe um caráter democrático, dialógico, aberto e inconcluso.

Conforme apontam os estudos, "[...] o dialogismo e a polifonia permeiam tanto a oralidade quanto à escrita por ambas serem interações sociais. Nessa dimensão social, o discurso é marcado pelo dialogismo, pela preocupação com o outro, aquele com quem o sujeito interage diretamente no processo de interlocução e indiretamente por meio da polifonia. Dialógico porque se concebe num espaço de interação com o outro e se constrói por meio dessa mesma interação de acordo com os interesses do locutor e das imagens que este faz do interlocutor ou supõe que este faz dele. Polifônico porque, apesar de proferido por um sujeito específico, é perpassado por outras vozes, outras visões de mundo" SOERENSEN (2009, p. 5).

Assim, de acordo com os estudos bakhtinianos, que enfatiza a natureza intrinsecamente dialógica e social da linguagem, entende-se que a formação do português brasileiro não se configura como um processo homogêneo ou unilateral. Muito pelo contrário, a incorporação de elementos linguísticos de origem dos povos bantu, longe de ser uma mera adição vocabular, representa um fenômeno de interação verbal complexo e multifacetado. As interações linguísticas distintas, rodeadas de relações de poder desiguais, se apresentam na própria estrutura do português brasileiro as vozes, as experiências e as visões de mundo de um grupo historicamente marginalizado.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando iniciou-se o trabalho de pesquisa constatou que havia desprestígios sobre as contribuições linguísticas dos povos bantu na formação da língua portuguesa, motivo pelo qual essas variedades foram marginalizadas no ensino de português no Brasil. Desta forma, a

presente pesquisa que tem como tema “*As contribuições dos povos bantu para a formação da língua portuguesa brasileira*” torna-se importante, uma vez que contribui para valorização linguística dos povos africanos no português do Brasil.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral promover uma reflexão sobre a diversidade das línguas Bantu presente no português brasileiro e apresentar palavras e/ou expressões de origem Bantu que usamos no nosso cotidiano.

Assim, Consta-se que o objetivo geral foi alcançado porque efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que os povos bantu chegaram em grandes quantidades ao Brasil na condição de escravos de diferentes regiões do continente africano, e onde cada etnia se estabeleceu no país as características linguísticas se fizeram presentes e se incorporaram à língua materna, a exemplo de Pernambuco e no Rio de Janeiro onde às influências dos bantu foram mais forte devido a concentração dos povos da região sudanesa da África nesses estados brasileiros, onde as línguas bantu se fazia maioria. Ademais, foi apresentado um glossário das palavras de origem bantu, que fez refletir sobre a diversidade de palavras existentes de origem africana que são faladas corriqueiramente e pouco nos damos conta que são palavras herdadas das línguas do tronco bantu.

O objetivo específico inicial do trabalho era traçar um percurso histórico da chegada dessas línguas no Brasil e quais as línguas do grupo Bantu influencia o português brasileiro, o que foi atendido, tendo em vista que foi apresentado quais são essas línguas e como elas são distribuídas no continente africano e posteriormente distribuídas no Brasil devido ao violento processo de escravização dos povos africanos.

O segundo objetivo específico do estudo foi refletir sobre a falta de prestígio que as línguas africanas recebem no ensino de língua materna, chegamos a conclusão que esse fenômeno ocorre devido a muitos fatores, inclusive pelo fato da supervalorização de línguas escritas na nossa cultura, desta forma, as línguas de cultura orais foram marginalizadas na construção linguística do Brasil, fato que ocorreu com as línguas dos povos bantu, ademais, chegamos a conclusão de que a marginalização das culturas africanas no Brasil ocorreu e ocorre também devido ao forte processo de colonização, no qual foi imposto a população brasileira a cultura europeia e a língua portuguesa sendo a única e oficial do Brasil decretada por Marquês de Pombal. Como solução para o problema da colonização sugerimos uma abordagem de decolonização, tema abordado nos estudos de decolonialidade, no qual propõe questionar as estruturas existentes e imposta na sociedade e passar a valorizar a diversidade.

A pesquisa partiu da hipótese de que “As contribuições linguísticas dos povos bantu

não são valorizadas no português brasileiro", porque grande parte da população brasileira desconhece a existência desses povos, e o papel que eles tiveram para a construção não somente linguística, mas também cultural. E isso se dá por diversos fatores, dentre eles conseguimos perceber durante a construção da presente pesquisa que houve um movimento de apagamento das culturas africanas devido às políticas de branqueamento da cultura brasileira no decorrer da história, o que contribuiu para o preconceito linguístico, para a supervalorização da norma culta e o discurso da unidade da língua. Desta forma, confirma-se a hipótese apresentada.

O desenvolvimento desta pesquisa evidenciou que as contribuições linguísticas dos povos bantu para a formação do português brasileiro foram historicamente desvalorizadas e, em grande parte, invisibilizadas no ensino de língua materna. Essa marginalização se insere em um contexto mais amplo de apagamento cultural, resultado das práticas coloniais que impuseram a hegemonia da língua e da cultura europeia em detrimento das matrizes indígenas e africanas.

O objetivo central do trabalho — refletir sobre a diversidade das línguas bantu presentes no português do Brasil e identificar vocábulos e expressões cotidianas de origem africana — foi plenamente alcançado. Constatou-se que a chegada maciça de povos bantos ao Brasil, oriundos de diferentes regiões do continente africano, deixou marcas profundas na constituição da língua nacional. Essas marcas não se restringem ao léxico, mas se manifestam também em aspectos fonológicos, sintáticos e culturais, que continuam a se fazer presentes na vida cotidiana dos brasileiros. O glossário elaborado no trabalho exemplifica essa presença, permitindo reconhecer que palavras como *denngo*, *quitanda*, *caçula* e *gingar* não são apenas vocábulos comuns, mas testemunhos vivos da ancestralidade africana incorporada à língua portuguesa do Brasil.

No que diz respeito aos objetivos específicos, foi possível traçar um percurso histórico da chegada das línguas bantu ao Brasil, identificar as principais variedades que influenciaram o português e discutir a persistente falta de prestígio atribuída a essas contribuições no ensino de língua materna. Verificou-se que tal desvalorização está diretamente relacionada a políticas de colonização e branqueamento cultural, que privilegiaram línguas de tradição escrita e marginalizaram as línguas de tradição oral, perpetuando estigmas e preconceitos linguísticos.

A pesquisa confirmou a hipótese inicial de que as contribuições linguísticas dos povos bantu não são devidamente reconhecidas no português brasileiro. Esse apagamento, sustentado por discursos de unidade da língua e pelo mito da superioridade da norma culta,

reforça desigualdades sociais e raciais, ao mesmo tempo em que nega a pluralidade que caracteriza a identidade linguística do país.

Diante disso, defende-se a necessidade de uma abordagem decolonial no ensino da língua portuguesa, que valorize a diversidade e reconheça a participação das línguas africanas na constituição do português do Brasil. Essa perspectiva pode contribuir não apenas para combater o preconceito linguístico, mas também para fortalecer a identidade cultural e histórica da população brasileira, resgatando memórias que foram silenciadas ao longo dos séculos.

Por fim, sugere-se que futuras pesquisas aprofundem a análise das influências bantu em outros níveis da língua — como a morfossintaxe, a prosódia e os processos de criação lexical —, além de investigar de que maneira essas contribuições podem ser incorporadas em práticas pedagógicas no ensino básico e superior. Tal aprofundamento se mostra fundamental para consolidar uma visão crítica e plural da língua portuguesa, alinhada ao reconhecimento da diversidade que compõe o Brasil contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- ABATI, Flávia Rech. ***Proposta de glossário bilíngue: terminologia dos “procedimentos de tradução” em Língua de Sinais Brasileira.*** Brasília, 2018.
- BAGNO, Marcos. ***Preconceito linguístico: o que é, como se faz.*** 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. ***O discurso no romance.*** In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.* 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. ***Estética da criação verbal.*** Tradução de Maria Hermenegilda Galvão Gomes Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. ***Marxismo e filosofia da linguagem.*** São Paulo: Hucitec, 1978.
- BARROS, L. A. ***Curso básico de terminologia.*** São Paulo: Edusp, 2004.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem.** In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido.* Campinas, SP: Unicamp, 2005. p. 87-98.
- BONVINI, Emílio. ***Línguas africanas e português falado no Brasil.*** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BONVINI, Emílio. **Repères pour une histoire des connaissances linguistiques des langues africaines.** I. Du XVIe au XVIIIe siècle: dans le sillage des explorations. *Histoire, Épistémologie, Langage*, Paris, 1996.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **O português do Brasil.** In: ILARI, Rodolfo. *Linguística românica.* São Paulo: Ática, 1992.

CASTRO, Yeda Pessoa. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

FERNÁNDEZ-FERREIRO, M.; VEIGA, N. V. *Los criollos de base ibérica*. Madrid: Iberoamericana, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GODOI, Eliamar. *Para a construção de um glossário na obra Sousandradina: uma contribuição*. 2007. 203 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

LOPES, Nei. *Dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Cultural José Bonifácio/Prefeitura do Rio de Janeiro, 1993-1995.

LUCCHESI, Dante. **A participação do contato entre línguas na formação do português popular do Brasil**: novas evidências empíricas. In: FERNÁNDEZ, M.; RIBEIRO, I.; BAXTER, A. *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009.

LUCCHESI, Dante. *História do contato entre línguas no Brasil*. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009.

LUCHESSI, A. *Português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009.

MAHER, Terezinha Machado. *Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural*. 2006. (No prelo).

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: Funag, 2012.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: *Teoria e História Social*. 1. ed. Buenos Aires: Signo XXI, 2005.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.* São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, José Honório. **A vitória da língua portuguesa no Brasil Colonial.** *Humanidades*, Brasília, v. 1, n. 4, 1983.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* Rio de Janeiro: Presença, 1950.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Presença, 1986.

UNESCO. **História geral da África.** Volume III: África do século VII ao XI. Paris: UNESCO, 1989. Capítulo 6. P. 162-195. Ilustrações, mapas.